

## 5.

### “Cada filme que a gente faz é um aprendizado na nossa vida.”: a experiência mídia-educativa em cada contexto

Com base na experiência do acompanhamento às escolas na Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, tenho observado que a produção de audiovisuais apresenta características próprias em cada contexto, percorrendo diferentes caminhos de acordo com fatores relacionados à formação dos professores, ao projeto político pedagógico elaborado, ao perfil dos alunos, aos recursos materiais disponíveis e à própria política educacional vigente, entre outros. A descrição das experiências desenvolvidas em cada grupo estudado não tem, neste estudo, o propósito de servir à análise das atividades em foco. Ao me aproximar de cada grupo na tentativa de enxergá-los com outras lentes, foi preciso, antes de tudo, conhecer a dinâmica de funcionamento das propostas, seus principais objetivos e, principalmente, os próprios pontos de vista dos alunos e suas percepções acerca da experiência na qual se encontravam envolvidos.

#### 5.1

##### As oficinas como espaços de sociabilidade

- Grupo A: oficina de cinema

**Simone:** *Você quer deixar algum recado, alguma mensagem pra alguém?*

**Mathias, 10 anos:** *Pra todo mundo que tá, que ainda tá começando uma nova vida, também começando alguma... é... sendo estudante dessa escola, se vocês quiserem aprender alguma coisa, vem pra cá. Vocês vão poder estar desenvolvendo suas idéias e sabendo que vocês são capazes. Obrigado.*

A escola funciona em horário integral e o prédio, conhecido popularmente como “Brizolão”, tem o padrão arquitetônico específico dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEP) que integram a Rede. As salas de aula com meias paredes e a proximidade da Avenida Brasil, uma das vias expressas de maior circulação da cidade, contribui para que o som se disperse com facilidade tendo o barulho constante dos carros ao fundo.

Ao subir a rampa que dá acesso aos corredores do 1º e 2º pavimentos, a impressão era de que algo sempre estava acontecendo ali. Muitos trabalhos dos alunos expostos nos murais, cartazes sobre os projetos em andamento, fotos de

atividades desenvolvidas na escola, e uma intensa circulação de pais e pessoas da comunidade.

As atividades da oficina ocorriam em diversos espaços de acordo com a atividade proposta, sendo principalmente utilizados o auditório, a sala de leitura, o núcleo de mídia e o laboratório de informática. Os quatro ambientes ficam próximos à sala da Direção da escola, no mesmo corredor do primeiro pavimento, sendo que os dois últimos espaços citados são os únicos que têm as paredes até o teto, em função da segurança dos equipamentos. No período em que este estudo foi realizado, a escola possuía um laboratório com 10 computadores, com acesso à internet e impressora. No núcleo de mídia estavam as filmadoras (2), tevê, vídeo e dvd player, aparelho de som, microfones, além de um computador com software para edição dos vídeos.

A dinâmica proposta pela professora envolvia a exibição e discussão de filmes, idas ao cinema, a criação de roteiros, o registro (em vídeo e fotografia) de atividades da escola e a edição de vídeos. Apesar de ser realizada num dia específico da semana, a oficina incluía, em alguns casos, atividades em outros dias e horários, de acordo com a necessidade da tarefa ou do planejamento das aulas nas turmas nas quais estudavam os alunos.

A professora esclareceu que o trabalho proposto não era necessariamente “*preso à grade curricular*”, mas sim uma atividade para tornar a escola de horário integral “*mais light*”, além de trabalhar a autonomia dos alunos. Ela acrescentou: “*Tanto que aqui eu deixo eles, assim, bastante tempo livres, assim, “Olha, faz isso assim, eu quero isso na minha mesa sexta-feira”*”.

E foi exatamente isso o que ocorreu num dos nossos primeiros encontros, quando a professora me pediu um minuto para conversar com os alunos. Estávamos no auditório, quando ela chegou para conversar sobre um vídeo que pretendiam fazer sobre a escola. Ela recordou alguns aspectos sobre o vídeo, definidos anteriormente e reforçou com o grupo que não havia recebido até aquele momento nenhuma contribuição, aguardando, então, até a próxima semana:

*“Eu preciso de um roteiro. Como é que vocês começariam esse vídeo, lembrando que o vídeo que a gente vai fazer é um documentário, não é uma ficção. Ficção a gente inventa uma história, não é isso? No caso, no documentário, a gente vai mostrar o que acontece de verdade, mas como é que você mostraria o que acontece de verdade? O que você vai mostrar primeiro, o que vocês vão falar de bom, o que vocês vão falar de ruim... A gente precisa saber de todos esses detalhes, não é isso? E a gente também tem que construir*

*esse roteiro. Eu posso esperar esse roteiro segunda-feira na minha mesa, escrito?”.*

A história desse trabalho na escola ajudou a entender o que acontecia naquele grupo. Segundo a professora, tudo começou quando ainda era regente de turma e teve a iniciativa de trabalhar com vídeos na sala de aula, exibindo filmes para os alunos. Quando assumiu a função de Coordenadora Pedagógica expandiu a atividade para toda a escola, mas não pensava ainda em produzir vídeos. Percebendo que a atividade mobilizava os alunos e a partir de uma parceria com um produtor (cineasta e diretor de tv) interessado em desenvolver um projeto social, criou a oficina de cinema, em 2001. Nas palavras da professora:

*“Nos anos seguintes, 2003, 2004, a gente montou mesmo uma estrutura de oficina, ele (produtor) vinha, sempre às sextas-feiras, mas a oficina acontecia durante toda semana. Na segunda eu me reunia com eles, a gente fazia uma pauta e aí eu pedia idéias e eles passavam a semana tendo as idéias e na sexta eles traziam já essa idéia pra oficina e colocavam em prática. A idéia era, assim, acompanhar tanto a produção quanto a exibição de filmes que a gente considerava importante pra eles, né. No sentido de que eles pudessem ter algum parâmetro. Então, a gente exibiu muito filme do Nelson Pereira dos Santos, do Glauber Rocha, e a gente discutia um pouco o porquê que eles eram importantes...”*

Ao longo dos encontros que tive com o grupo, o horário da oficina foi, na maior parte das vezes, dedicado ao meu trabalho com os alunos, o que contribuiu para que agissem comigo como se eu fosse mais uma das professoras da escola, realizando uma oficina com eles.

Havia no grupo cerca de 5 alunos que estavam há mais tempo da oficina (um ano ou mais), tendo produzido alguns vídeos da escola e participado da Mostra Geração em anos anteriores (2). Outros, com menos tempo ou recém chegados, iniciavam suas atividades naquele ano.

Para os alunos, a oficina representava, antes de tudo, a oportunidade de ocupar o tempo que passam na escola de modo diferenciado, conforme o depoimento de Marcos e os diálogos a seguir:

**Marcos, 11 anos:** *Eu gostei, que quando nós... não tinha a oficina de vídeo, só ficava na sala fazendo dever e nós ganhamos essa oportunidade de aprender muitas coisas.*

**Simone:** *Você acha que seria legal se outras crianças participassem desta oficina?*

**Carlos, 11 anos:** *Eu achava.*

**Simone:** *Por que você acha isso?*

**Carlos, 11 anos:** *Ah... pra escola ter mais criatividade com os alunos.*

**Simone:** *Quando você entrou na oficina, você entrou por quê? Você acha que é legal participar dessa oficina de vídeo por quê?*

**Tatiana, 11 anos:** *Por causa que eu sempre gostei de cinema, aí teve essa oportunidade na minha escola, aí eu fui e entrei. Entrei tarde, mas eu gostei.*

**Simone:** *Você acha que essa história, assim, de aprender a fazer vídeo ajuda o aluno, ajuda a pessoa, muda alguma coisa na vida da pessoa?*

**André, 11 anos:** *Eu acho que sim.*

**Simone:** *O quê, por exemplo?*

**André, 11 anos:** *A forma de agir, a forma de é... de interagir naquela coisa...*

**Simone:** *Pra você mudou isso, antes de você fazer a oficina e agora depois você sente essa diferença?*

**André, 11 anos:** *A hã. Eu me interessei muito nos trabalhos que a professora dá lá no quadro, me interessei também mais ainda nessa oficina de vídeo.*

Ao longo do trabalho, pude constatar, a partir de relatos de alguns alunos, que outras professoras da escola, regentes de sala de aula ou de sala de leitura também realizavam produções de vídeos (animações com massinha). Além disso, duas situações se destacaram durante minha permanência: as filmagens feitas pelos alunos da oficina de dança e de um evento realizado na escola.

- A filmagem da oficina de dança:

A atividade ocorreu numa quinta-feira, quando, excepcionalmente fui à escola em função de um feriado no dia previsto para o nosso encontro. Ao chegar encontrei a professora no auditório com um grupo de meninas ensaiando uma coreografia para a Mostra de Dança na Coordenadoria. Natália (10 anos) e Sara (11 anos) participavam da oficina de vídeo e também estavam no grupo de dança.

Os meninos que participam da oficina de vídeo observavam e se revezavam na filmagem do grupo com a câmera mini dv da escola. O primeiro a filmar foi Marcos (11 anos), sob o olhar atento de Carlos (11 anos). André (11 anos) observava tudo sentado na primeira fila e Mathias (10 anos) tentava colocar a máquina fotográfica para funcionar, sem sucesso, pois não estava carregada. Resolvi observar a movimentação dos alunos deixando para outro dia a atividade anteriormente planejada.

A cada rodada de ensaio eles revezavam na filmagem. Marcos demonstrou mais desenvoltura e era uma espécie de referência para os colegas a cada dificuldade surgida. Tanto Marcos quanto Carlos estiveram presentes em nosso

encontro anterior, quando filmamos a escola, e seguiram as recomendações que eu os havia feito naquele dia, sobre o modo de segurar a câmera (com as duas mãos), a colocação da alça e o deslocamento durante a filmagem (devagar). Ao passar a câmera para os demais colegas eles reproduziam as recomendações. A professora permaneceu junto às meninas e só observava de longe o trabalho deles. Quando André pegou a câmera algum botão foi apertado inadvertidamente e o visor apresentou um menu desconhecido pelo grupo. Ele mostrou para Mathias que tentou acertar o modo de filmagem, porém não obteve sucesso. André continuou como se estivesse filmando sem notar que nada estava sendo gravado. Quando percebi o problema avisei ao grupo e chamei o Marcos para ajudar. Mathias me perguntou se eu não preferia mexer, mas respondi que primeiro eles tinham que tentar. Marcos conseguiu resolver o problema desligando a máquina e ligando-a novamente. Ele ficou contente com o resultado e ganhou mais destaque entre os colegas. André voltou a filmar e Mathias deu algumas dicas de como fazer o zoom, se posicionar mais afastado para pegar “um ângulo melhor do grupo” etc.

Tatiana (11 anos) e Maurício (11anos) também integravam o grupo e estavam no auditório, mas não participaram de nenhuma das atividades diretamente, apenas observando tudo. Algumas vezes Tatiana se aproximava dos meninos que estavam com a câmera para saber o que estavam filmando.

Ao final do ensaio todos ficaram em volta da câmera, que estava na mão de Marcos para ver o que foi gravado. As meninas se aproximaram e pediram para serem fotografadas. Elas faziam poses e Marcos tentava registrar como foto usando um dos recursos da câmera. Natália disse pra Sara “Vem vamos filmar pra botar no Orkut!” e me perguntou; “Tia, você vai levar essa filmagem também pra eles (alunos da outra escola)?

- O evento “Paixão de ler” na escola:

Meu objetivo nesse dia era continuar com a exibição dos vídeos e sua avaliação pelos alunos, mas ao chegar, percebi que havia um evento na escola por ocasião da Campanha Paixão de Ler<sup>11</sup>. Alunos das turmas de Educação Infantil

---

<sup>11</sup> A campanha “Paixão de Ler” é promovida anualmente pela Secretaria Municipal das Culturas e tem o objetivo de promover a leitura por meio de diversas ações na Cidade. Bibliotecas Municipais e Salas de Leitura são incentivadas à participação na campanha, com a realização de diversas atividades.

faziam uma apresentação de música e dança para a Direção da escola e os responsáveis, no auditório da escola. Encontrei a professora no laboratório de informática, com os alunos Marcos, Mathias e Carlos, mostrando a eles como descarregar a máquina fotográfica.

Os alunos Cláudio (11 anos) e Maurício (11 anos) registravam a atividade no auditório com a câmera digital e a outra máquina fotográfica. Observei a filmagem feita pelos alunos e pude perceber mais uma vez como trabalhavam. Ao final do evento, retomamos o trabalho de análise dos vídeos, no núcleo de mídia. Os alunos estavam muito empolgados com a filmagem realizada e conversamos um pouco sobre o que haviam feito, antes de retomar a exibição dos filmes. O conteúdo da conversa será melhor explorado nos itens 5.2 a 5.5.

Em nossos encontros, os alunos participavam bastante demonstrando interesse e, de um modo geral, se envolvendo nas atividades propostas. No entanto, o grupo era agitado e eles discutiam muito entre si e por qualquer motivo. Muitas vezes tive que interferir ou negociar com o grupo, como na situação descrita abaixo:

*Começou uma discussão porque André riu de Marcos por este ter falado “ingal” ao invés de “igual”).*

**Natália, 10 anos:** *Gente! Eu vou desligar! (o gravador)*

**Simone:** *Alô! Olha só, não está dando para ouvir assim, todo mundo falando ao mesmo tempo. Se vocês estão numa oficina de vídeo, vocês sabem: para fazer uma filmagem, do que a gente precisa?*

**Ellen, 11 anos:** *Ficar quieto.*

**Simone:** *É, de silêncio. Senão o som fica uma bagunça e ninguém consegue entender. Então, o primeiro princípio que a gente aprende é que enquanto um está falando a gente tem que fazer silêncio para todo mundo poder ouvir e sair a voz boa na gravação, não é assim? A Tia não ensinou isso a vocês?*

**Ellen, 11 anos:** *Ahã!*

**Marcos, 11 anos:** *Já!*

**Simone:** *Se ela não ensinou, vai ensinar, então já estou adiantando.*

**Ellen, 11 anos:** *Ela já ensinou!*

O uso do gravador e da filmadora não parecia incomodá-los, ao contrário, o interesse em assumir o controle do gravador ou da câmera mobilizava a todos, provocando, algumas vezes, disputas entre eles.

Ao falar sobre o trabalho a professora confirmou este aspecto:

*Na verdade, o objetivo do trabalho é muito mais a relação deles com a questão de como é que eu posso intervir nessas informações que aparecem na mídia. Porque a idéia inicial era que eles entendessem o contexto de produção da mídia “Ah, eu, para assistir televisão, eu tenho que entender como é que eles produzem televisão”, até para não cair na armadilha de mensagens que são manipuladas. Mas também era a questão da autonomia, e eu acho que funcionou porque eles pegam e “agora eu vou fazer”, eles brigam não é, assim: “Olha, dessa vez eu vou fazer o câmera”,*

*“Não, eu vou filmar, “Agora deixa filmar um pouco?”. E aí eles mesmos entram nesse processo.*

Com relação ao que pensavam sobre a contribuição da oficina para a formação do aluno foi recorrente o destaque da possibilidade de acesso à formação profissional e às perspectivas de futuro, como sugerem os exemplos abaixo:

**Simone:** *E você acha que aprender a fazer vídeo na escola ajuda o aluno a aprender outras coisas, ajuda em quê, por exemplo?*

**Marcos, 11 anos:** *Ajuda em... em ter um futuro melhor, não trabalhar empurrando carroça, não ficar vendendo latinha, essas coisas.*

**Simone:** *Por que você acha que é importante uma criança participar dela?*

**Marcos, 11 anos:** *Porque... isso, eles podem ser tornar um jovem melhor e ter um futuro excelente.*

**Simone:** *Agora, você acha que muda alguma coisa para o aluno quando ele faz parte dessa oficina e aprende a fazer filmes?*

**Tatiana, 11 anos:** *É importante, igual nessa, agora, no estudo. Já é difícil arranjar um trabalho, sem inglês, sem informática... Aí de repente pede isso, aí eu já sei. Aprendi na escola.*

**Carlos 11 anos:** *Eu gosto da oficina porque vai levar a [ser] alguém na vida, você aprende muitas coisas legais e também você aprende a mexer na câmera.*

**Sara, 11 anos:** *Decidi escolher a oficina porque tem várias coisas boas e especiais para a nossa inteligência e também irá levar a nossa comunidade a um futuro melhor.*



Registrando em vídeo o evento “Paixão de Ler”, na escola. (Grupo A)

- Grupo B: oficina Multimídia

**Luana, 14 anos:** *Isso aqui parece uma brincadeira, mas é bem sério. As pessoas tinham que levar mais a sério, assim. O pessoal de fora, que olha assim, parece que a gente tá aqui brincando, mas eles tinham que levar mais a sério. A gente ia muito longe... só abrir um pouco mais de espaço, a Direção que já abriu um pouco mais de espaço (...), a gente ia longe, eu tenho certeza.*

Numa sala pequena, localizada próxima à entrada, no pátio interno da escola, localizava-se a oficina do Grupo B. A porta de entrada dava acesso a um pequeno espaço, que funcionava como ante-sala, e também à oficina de fotografia, outra atividade promovida no Pólo. Os alunos circulavam com naturalidade, convivendo com a movimentação da escola, principalmente na entrada e saída dos turnos e no recreio.

Era difícil, num primeiro momento, acreditar que aquele espaço poderia acomodar o grupo todo. A organização dos materiais era feita com a ajuda dos próprios alunos. Segundo o professor, muitas vezes, os alunos sabiam localizar melhor do que ele os materiais (canetas, tesouras, massinha, fitas de áudio e vídeo etc) de que precisavam para trabalhar, o que foi constatado ao longo dos encontros.

Logo que chegavam, os alunos colocavam suas mochilas num espaço reservado para elas, numa grande estante embutida na parede, onde ficava a maior parte dos materiais: CDs, DVDs, fitas VHS, papéis, tesouras, régua, cola, livros e apostilas etc. Ao lado da porta de entrada da sala ficava um quadro branco no qual eram registradas, muitas vezes pelos próprios alunos, as atividades previstas ou em andamento (editar fitas do evento, construir o roteiro do filme etc).

Na medida em que entravam na sala os alunos se envolviam numa das tarefas definidas de acordo com o planejamento do grupo (selecionar músicas para a rádio, pesquisar notícias para o jornal, finalizar a edição de um vídeo, elaborar um roteiro entre outras). No entanto, alguns alunos permaneciam na sala circulando pelos grupos sem se fixar numa atividade específica, a princípio. Tal circulação não incomodava o grupo e parecia fazer parte do modo como seus integrantes participavam da oficina. Somente quando algum participante parecia disperso ou desatento, o professor procurava envolvê-lo, convidando-o a assumir alguma responsabilidade.



A oficina contava com computadores (com acesso à internet e programa para edição de vídeos, gravador de CD e de DVD), impressora, mesa de áudio, TV, leitor de DVD e vídeo, microfones. Com entusiasmo os alunos me apresentaram a máquina de fumaça, para os efeitos especiais, além de duas novas “engenhocas” criadas pelo grupo: a bicicleta e a mesa adaptadas para filmagens em movimento. Num clima de descontração eles conversavam sobre os mais variados assuntos enquanto trabalhavam. O professor denominava cada atividade como “estação de trabalho”. Ele circulava pelos grupos e orientava os alunos, quando necessário, procurando observar como trabalhavam e se de fato estavam envolvidos nas tarefas.

O depoimento de Luana, foi reafirmado por outros participantes do grupo: eles informaram que muitos colegas na própria escola, e até alguns professores, se referiam à atividade como se esta fosse apenas um espaço de lazer e diversão. No entanto, segundo eles, estas pessoas não conheciam, de fato, o que acontecia ali.

**Janáina, 15 anos:** (...) *muitas pessoas olham pro nosso trabalho e criticam. Mas se elas estivessem aqui com a gente, com certeza, elas estariam sentindo, assim, a felicidade que a gente sente de ver nosso trabalho pronto, até, assim, a amizade, tudo isso é muito bonito. A união, aqui dentro... o que tem muito é união, entendeu?*

A maior parte dos alunos deste grupo participava da oficina há mais de um ano. Os mais experientes tinham entre 3 e 4 anos de oficina. Outros, ainda, tiveram uma participação oscilante ao longo do tempo em que estão na escola:

**Simone:** *Você entrou na oficina esse ano ou já era do ano passado ou de antes...?*

**Gustavo, 15 anos:** *Não. Antes, eu já tinha entrado, ano retrasado. Só que eu entrava, saía. Eu não me decidia porque eu ainda estava começando a gostar desse, desse, desse novo ambiente, né. Aí, depois, eu comecei a gostar e tô desde o início desse ano fazendo a multimídia.*

As respostas à pergunta sobre se recomendariam a oficina a alguém e por que indicaram a importância que atribuíam à atividade e o significado que aquele trabalho tinha para eles:

**Fábio, 13 anos:** *É... recomendaria sim, porque é uma oficina que você não tem só... que é só filmar, fazer filmes, não é só isso. Multimídia envolve... é multi, multi, muitas coisas que você pode fazer aqui. Isso é muito legal pra... desenvolver seu... seu modo de pensar, seu modo de agir. Isso também torna-se... você consegue amigos... Isso é muito bom.*

**William, 15anos** *Porque tem pessoas aí que falam que o filme é feito errado e tal... chega na hora, não sabe nem fazer o começo do filme. Aí eu queria mostrar pra eles o que é capaz de fazer na multimídia. (...) E também pra saber o que é certo e o que é errado. Que tem pessoa que sai da escola, assim, saiu da escola, tem pessoa que vai no morro, fazer coisas erradas, podendo estar na escola fazendo o curso certo. Por isso que eu recomendo pra todos.*

**Aline, 13 anos:** *Ia ser bom porque ia ter mais gente, ia formar mais grupos, mas se eles não quiserem eu não acho certo é essas... forçar a pessoa numa coisa que ela não quer. Não forçaram a mim, eu vim, gostei aí o professor conversou comigo e aí eu tô. Mas tem vezes que eu dou um pulinho fora... aí eu escapo. Aí eu vou embora (risos).*

**Joana, 14 anos:** *Ah, ajuda em tudo. A sua desenvoltura com as pessoas, o desenvolvimento do falar, do se relacionar com as pessoas, pôxa, isso ia melhorar bastante na vida de todo mundo.*

As atividades da oficina não se restringiam aos limites da pequena sala onde o grupo se reunia, ao contrário, muitas vezes, os alunos ocupavam os corredores e demais espaços da escola com as câmeras na mão, para gravar uma cena ou entrevistar os colegas para uma nova produção. Outra atividade comum era o registro em vídeo de eventos dentro e fora da escola, a pedido da Direção e/ou da Coordenadoria Regional. A participação dos alunos em mostras e festivais também fazia parte do trabalho, sendo sempre incentivada pelo professor que também promovia trocas de experiências entre os alunos que freqüentavam a oficina nos diferentes horários. Durante minha permanência na escola pude acompanhar algumas dessas atividades das quais destacarei a seguir três exemplos: a filmagem da feira de Ciências no Planetário da Gávea, a participação na Mostra Geração 2007 e o Festival do Minuto na oficina.

- A Feira de Ciências da Fundação Planetário da Gávea:

A atividade integrava o planejamento da 2ª CRE, numa parceria com a Fundação Planetário<sup>12</sup>. Em sua 5ª edição o evento reuniu diversas escolas

---

<sup>12</sup> Criado em 2003 pela Fundação Planetário, o evento conta com a parceria da 2ª CRE e tem o propósito de contribuir para a iniciação científica dos alunos da Rede Municipal. A feira é realizada no segundo semestre de cada ano. As escolas inscrevem seus projetos que são apresentados pelos respectivos alunos. Os trabalhos são analisados por uma comissão julgadora composta por profissionais ligados à área especialmente convidados para a atividade.

municipais da região, com a apresentação de trabalhos desenvolvidos por professores e alunos. A pedido da Coordenadoria os alunos da oficina registraram o evento. Acompanhei o grupo no dia da abertura.

O professor organizou um grupo com 7 alunos, dos diferentes horários da oficina. Ele explicou que nessas ocasiões procura convidar tanto os alunos mais experientes como os iniciantes para trabalharem juntos.

Joana também estava no evento, porém não trabalhou com grupo da oficina por estar envolvida com a apresentação do trabalho da escola na feira. Quando cheguei, os alunos já estavam organizados em dois grupos, um ficou dentro da Cúpula do Planetário, onde ocorria a abertura do evento e o outro ficou na parte externa, numa tenda armada para especialmente para a exposição dos trabalhos. Os grupos se comunicavam entre si por meio de rádios (do tipo walk talk), o tempo todo. Foi montada por eles uma mesa de edição com os equipamentos da oficina na tenda da exposição. Eles filmaram, tiraram fotos e entrevistaram as pessoas.

Após a abertura do evento todo o grupo ficou trabalhando na tenda, se revezando em algumas funções. A equipe da Multirio, que também filmava o evento, se interessou pelo trabalho realizado pelos meninos. Os profissionais de câmera, sonorização e iluminação, além do Diretor, que já conheciam o trabalho da escola, conversaram com alguns alunos, especialmente com o Fábio que observava atentamente o trabalho dos profissionais e fazia várias perguntas.

Durante o processo ficou evidente, entre outros aspectos, a cooperação entre os alunos durante o trabalho e a intimidade de alguns deles, com os equipamentos, além do uso de termos específicos da linguagem de produção audiovisual, como por exemplo, quando Fábio perguntou a um aluno mais novo na oficina que se preparava para usar a câmera: “*Você já bateu branco?*”

Luana foi a repórter do grupo sendo elogiada por uma das professoras entrevistadas, que destacou a qualidade das perguntas elaboradas.

No final do dia, no entanto, o grupo constatou com tristeza que parte do material editado foi perdido. Sem conseguir descobrir o que houve Daniel disse: “*Pelo menos não perdemos o material bruto, a edição a gente faz outra!*”

- A Mostra Geração:

No dia da participação dos alunos na programação da Mostra o clima era de excitação geral. Cheguei cedo à escola e encontrei o grupo reunido na sala para repassar as informações sobre o vídeo, pois já sabiam que seriam chamados à frente da platéia para falar sobre sua produção.

O professor disse aos alunos que não queria nada ensaiado, mas seria preciso organizar as idéias. Todos queriam falar, mas demonstravam certa dificuldade para descrever o argumento do filme, intitulado “A novela mexicana”. O professor tentava conduzir a conversa destacando os pontos principais sobre o trabalho realizado. Ana começou a contar o filme e o professor disse “*Contar a história não resolve, é preciso falar qual é o argumento. Vocês sabem o que é o argumento, não sabem? Está havendo uma confusão aqui. O argumento é a explicação do filme*”. Daniel tomou a palavra, pegando o boneco que usaram no filme. O professor perguntou: “*Porque usamos esse boneco como personagem?*” ao que Ana respondeu: “*Nós queríamos demonstrar que todo bandido é um boneco.*” E por aí começaram a resgatar o “fio da meada”. O professor destacou para o grupo a definição de argumento, a descrição do processo de produção e a história, comentando: “*Pôxa, isso já foi falado aqui!*”

Antes de saírem ele solicitou dois voluntários para registrar a atividade com a câmera e com a máquina fotográfica: “*Quero que tirem as fotos com a característica de reportagem*”

A mãe de Fábio é a única responsável por aluno que acompanha o grupo. Conversei com ela enquanto caminhávamos para o cinema (que é perto da escola) e ela disse que sempre incentiva a participação dos filhos nas oficinas da escola por acreditar que são muito importantes para a formação deles e para ocupar o tempo livre de forma produtiva.

Foram 21 alunos, incluindo aqueles que participam em outros horários da oficina. Muitos deles registravam tudo com fotos feitas com o celular.

Durante o debate sobre os filmes exibidos, os alunos participaram bastante. Um destaque foi a resposta de Fábio a uma pergunta feita por Marialva Monteiro sobre o que o aprender a fazer filmes muda na vida da pessoa. Ele disse:

*“Quando eu comecei a fazer a oficina de vídeo e a partir desse dia com, aproximadamente, um mês que eu já estava fazendo, eu comecei a observar*

*que eu já tinha aprendido algumas técnicas de filmagem — eu sou câmera. Aí, quando eu via televisão eu falava, se eu via alguma coisa errada: Esse cara está filmando errado, não é assim que se filma não, tem que enquadrar direito!”(Fábio, 13 anos)*

Após o retorno à escola, o grupo se reuniu novamente para avaliar sua participação no evento. Eles discutiram a receptividade de seu filme pelo público, os filmes de que mais gostaram e os que acharam ruins. Para eles a Mostra Geração representa um espaço de troca e de valorização do trabalho que realizam:

**Fábio, 13 anos:** *Bom, chega a época da MG, eu tento convidar bastante gente assim que eu conheça, pra poder mostrar meu trabalho, assim, pra eles poderem ver o meu trabalho numa tela de cinema. Eu falo assim, pô, o meu trabalho lá numa tela de cinema, está parecendo que eu já sou um... astro, um filme de astro, já está até no cinema. Aí... pra eles ficarem impressionados, porque é sempre bom receber um elogio.*

**William, 15 anos:** *É legal porque a gente pode ver o que a gente errou e pode melhorar e ver também o que os alunos erraram, também podem melhorar e ver também o que tem de errado... e semelhante entre as escolas, que são o mesmo trabalho, só muda a equipe. Mas o trabalho é o mesmo, o filme também e a disposição também é a mesma.*

**Janaína, 15 anos:** *É eu fui. ...Esse ano acho que foi melhor que o ano passado porque ano passado foi muita mais animação, assim, esse ano não ficou tanto animação, já mostrou coisas diferentes. Eu gostei desse ano, foi muito mais divertido. (...) são filmes diferentes, então, a gente pode levantar opiniões, até críticas construtivas sobre os outros filmes e comparar o nosso com o deles.*

**Daniel, 15 anos:** *É interessante porque a gente vê que também nós podemos, não só nós, mas outras crianças também podem fazer trabalhos muito bons. As crianças do CIEP produziram um trabalho muito legal. É... escolas que a gente nunca viu, nunca conhecia, a gente pode interagir com outras pessoas, mostrando também que elas são capazes.*

Ana, no entanto, apesar de concordar com os colegas ressalta outro lado da questão:

**Ana, 13 anos:** *Porque é o Festival do Rio, pra várias crianças, de várias escolas! Porque é diferente, é diferente! A gente tem que correr, de vez em quando, assim, não tem nenhum filme e a gente tem que correr. E assim, de vez em quando é bem legal, cara. Aí, depois a gente fala assim “Aí, coisa chata, que não sei o quê...” e na hora a gente fala, “Ah, não, professor, que preguiça, a gente fazer um filme agora! A gente estava tão legal aqui, conversando...” Aí ele fala “Não, tem que levar pra Mostra! Aí, depois, você fala assim “Aí, que legal, saiu bem legal!” “. Se não fosse o professor que tivesse cobrado da gente a gente nunca ia conseguir ir pra Mostra Geração. Mas eu queria que tivesse, assim, tipo uma competição. Que quem fez o filme melhor ganhava o primeiro lugar, o segundo lugar e o terceiro lugar. (...). porque, assim, a gente ia fazer com mais vontade, assim, com mais vontade de ganhar assim. Só.*

Exibi, num encontro posterior, a filmagem que fiz no dia da Mostra Geração. Eles comentaram tudo o que viam com grande interesse em se ver na filmagem. Mas, o interesse foi se perdendo na medida em que o vídeo se desenrolava e, aos poucos cada um retomou suas atividades na oficina. A respeito do comportamento da platéia que aplaudia tudo ou vaiava algumas produções, Janaína comentou: *“Adolescente quieto é doente”*. Ela gostou de se ver no vídeo, mas ficou um pouco frustrada, dizendo: *“Falei tanta besteira! Não sei como eu sou assim desse jeito. Por que eu sou assim?”* Ao que uma das colegas disse: *“É porque você não pensa antes de falar”*.

- O Festival do Minuto da oficina:

O professor teve a idéia de realizar um festival para movimentar a oficina e possibilitar aos alunos a realização de exercícios de produção, transformando suas idéias em filmes de um minuto: o Festival do Minuto da escola.

As primeiras idéias me pareceram, em sua maioria, mirabolantes, tais como choques de aviões no ar, torres gêmeas etc. Ana relatou que queria fazer um mini documentário sobre aquecimento global, mas que não tinha nada pronto ainda. Perguntei por que a escolha desse tema e ela disse que era um assunto muito comentado. Paulo me contou que eles teriam até 30 de novembro para terminar as produções. Outros temas apresentados foram: a rivalidade (num desfile de moda entre dois estilistas -Paulo, 11 anos), um encontro inusitado (o choque entre dois aviões no ar e uma explosão que em vez de matar os pilotos- um homem e uma mulher, mutantes e com super poderes, surge uma mensagem de feliz ano novo, com beijo no final- Janaína, 15 anos), Amizade (duas pessoas que não se suportam, mas viram grandes amigos (Norma, 15 anos).

Janaína (15 anos) destacou que a orientação do professor foi para que os alunos buscassem usar nos filmes tudo o que aprenderam na oficina: *“E é isso que faz a gente procurar mais, querer mais”*. Luana apontou a questão da necessidade de buscar críticas construtivas e corrigir os erros *“antes de fechar o conteúdo do filme”*.

Perguntei sobre como era o começo, organizar as idéias para fazer os filmes e, nessa hora, o professor explicou que o único que já tinha um roteiro pronto era Daniel, os demais estavam partindo para a filmagem com uma idéia

mais ou menos elaborada e a partir das imagens é que sairia um roteiro. “*Quero que eles vivenciem o ensaio e erro, para identificarem a necessidade de organização prévia do trabalho*”, disse ele. O professor enfatizou para o grupo a necessidade dos vídeos terem início, meio e fim.

Acompanhei o processo de produção dos filmes ao longo dos encontros. Alguns alunos permaneciam na sala após o horário ou trabalhavam em dias extras para terminar seu filme. Na medida em que iam gravando, mostravam as cenas ao professor que fazia perguntas sobre a história, o conteúdo das cenas e também explicava detalhes técnicos da filmagem, as falhas ocorridas etc.

O clima foi de muito trabalho e cooperação. Enquanto trabalhavam os alunos trocavam idéias sobre os filmes e também sobre cenas que viam na TV ou no cinema: a voz de um determinado personagem, a roupa de outro, os cenários, entre outros aspectos.

Aos poucos as idéias mirabolantes deram lugar a projetos mais objetivos e exequíveis.

Aceitei o convite feito pelo grupo para ser uma das juradas do Festival e, no dia marcado, cheguei à escola com grande expectativa. Havia uma intensa movimentação dos alunos em torno da atividade, eles mesmos colocaram as cadeiras para o público, no pátio além do telão e do projetor para as exhibições. Ao lado das cadeiras foi arrumada uma mesa para o lanche que seria servido ao final.

Fui recebida pelos alunos que logo vieram me contar o número de filmes inscritos: 26<sup>13</sup>, dos quais 15 foram produzidos por alunos do grupo com o qual trabalhei. Daniel me contou que foram organizados 5 blocos de exibição.

Solicitei a um dos alunos que filmasse pra mim e entreguei minha câmera a ele. Outro aluno recebeu a máquina fotográfica com a orientação do professor para registrar “*os principais momentos e as expressões das pessoas*”.

A comissão julgadora foi formada por sete pessoas: a diretora da escola, a coordenadora pedagógica, a Professora de Sala de Leitura, além mim e de três professoras regentes (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Artes). O professor fez a abertura do encontro e explicou a todos como seria realizado o Festival. A seguir, recebemos uma ficha de avaliação para as anotações. A aluna

---

<sup>13</sup> A relação completa com o tema dos filmes, os respectivos autores e a premiação pode ser encontrada no anexo 6

Joana conduziu a apresentação dos vídeos. Daniel coordenou a operação dos equipamentos.

Entusiasmada com o trabalho e o envolvimento dos alunos, a Diretora da escola providenciou mais caixas de bombons, além de algumas medalhas para que pudéssemos eleger não apenas um, mas 5 filmes (um por categoria). Outra surpresa foi a idéia de eleger o melhor ator e o prêmio de originalidade, destinado aos pequeninos do 1º ciclo.

Nas entrevistas realizadas perguntei aos alunos se percebiam alguma diferença no seu modo de ser antes e após a participação na oficina, se, na opinião deles, algo havia mudado após terem vivido esta experiência. Os depoimentos apontam, em sua maioria, para o reconhecimento de que a oficina não propicia apenas o aprendizado de uma técnica:

**Fábio, 13 anos:** *Meu modo de... viver aqui na escola, porque muitos, assim, me rejeitavam... Aí quando eu entrei nessa escola, eu era novo e não tinha muito amigo. Me rejeitavam (...). Aí eu descobri que tinha a multimídia. Aí eu falei com o professor e desde então, eu venho fazendo e é... tipo como a gente se fala nas escolas, consegui mais... popularidade! Mudou muitas coisas, como eu já falei tipo assim, têm aparecido mais oportunidades. Eu já penso em seguir essa carreira, porque têm aparecido muitas oportunidades. Já me chamaram várias vezes pra filmar festas. Já me chamaram pra filmar uma festa de 15 anos, só que eu ainda não tinha câmera eu ainda ia comprar. Me chamaram pra filmar um batismo, só que eles tinham uma câmera, aí eu filmei com a câmera que tinha lá.*

**Janaína, 15 anos:** *Demais. Porque, assim, nem é questão também de aprender, porque, claro que é importante aprender, mas até, tipo, eu, por exemplo, eu era uma pessoa muito tímida, tímida mesmo, mesmo. Mas eu me enturmei com o pessoal aqui e foi crescendo, nosso trabalho, opiniões diferentes, isso ajudou, assim, a perder a vergonha que eu tinha, já me sol... já sou mais solta, já, entendeu? Aí é... melhor também e pra aprender também é bom. (...) E eu aprendi a ouvir mais a opinião das outras pessoas.*

**Gustavo, 15 anos:** *Antes eu ficava só em casa, aí ficava vendo televisão, aí minha mãe reclamava, ficava falando que eu, que eu era muito lento, não fazia nada. Aí agora não, agora eu tô mais responsável, também. Porque antes eu só pensava em jogar bola, brincar, essas coisas assim. Então agora... é diferente.*

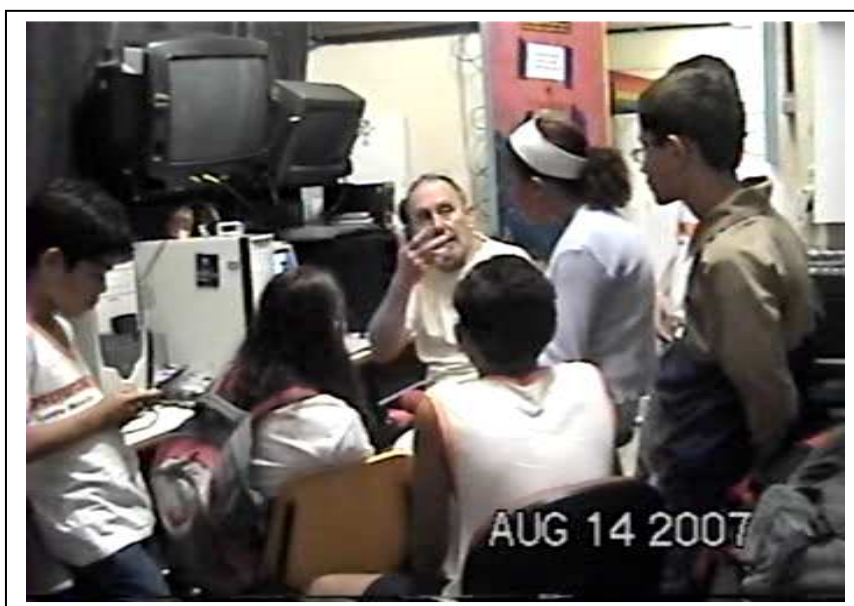
Segundo o professor, no trabalho desenvolvido na oficina, nada é igual de um ano para outro, mas

*“o rumo é o mesmo, eu quero fazer com que o aluno tenha a possibilidade de ser criativo, ser pró-ativo, ser uma pessoa que estabelece os seus próprios rumos, sem atropelar ninguém, mas com isso, ele passa a ter uma avaliação melhor do outro, do trabalho em si, da construção, com um detalhe, eu ensino, dou toques, volto, falo, mas não digo o que fazer. Porque, senão, vai ser o meu trabalho, a minha imagem, a minha forma de pensar.*



O depoimento de Joana parece sintetizar as opiniões do grupo, ratificando as palavras do professor:

**Joana, 15 anos:** *É uma oportunidade, também de... A pessoa fazer um filme, ela tem várias oportunidades, primeiro de fazer o filme, poder estar aprendendo, à fazer a oficina... vai saber editar, vai aprender com o professor auxiliando e tal, vai ter uma desenvoltura do seu próprio conviver, né. Você pode até transformar a sua própria vida num filme. E isso é bom, ela vai aprendendo a se comunicar com as pessoas, por exemplo, a pessoa ela entra na multimídia, ela é uma criança, assim, uma criança no pensamento, aí quando ela começa a descobrir essas coisas legais, ela já começa a ter mais ciência do que ela tá fazendo, já começa fazer um pouco mais séria. Então, isso é bem legal, isso ajuda bastante.*



Conversando com o professor – Grupo B

## 5.2 Constituição de conhecimentos específicos

Os conhecimentos relacionados à área, especialmente aqueles relativos à linguagem e aos aspectos técnicos e estéticos da produção audiovisual, foram identificados nos grupos a partir das observações realizadas nos encontros e das referências apontadas pelos alunos durante as oficinas. Também foi destacado neste item o repertório audiovisual dos alunos, por entender que as preferências declaradas constituíram um conhecimento específico que muito teve a dizer sobre a formação do gosto estético e sobre os critérios adotados pelos alunos na avaliação das produções.

- Grupo A

O contato com produções cinematográficas se dava, neste grupo, principalmente pela mediação da escola (exibição de filmes e idas ao cinema) e da tevê (programação aberta ou por assinatura e/ou DVD). Ir ao cinema não era uma atividade recorrente na rotina desses alunos e, quando citada, era, invariavelmente, decorrente da iniciativa das professoras ou dos pais e demais familiares adultos.

No levantamento dos repertórios pessoais dos filmes assistidos, os alunos demonstraram, em sua maioria, certo desconforto para elaborar a listagem dos filmes. Por outro lado sentiram-se muito mais à vontade para relacionar o que viam na tevê ou DVD, conforme o trecho a seguir, extraído do diário de campo:

*Os materiais (revistas, hidrocores, cola, tesoura etc) já estavam sobre a mesa e começamos a conversar sobre o que faríamos. Propus, então, que elaborassem o trabalho a partir das lembranças dos filmes que já assistiram. Eles começaram a folhear as revistas, tentando lembrar os filmes. A proposta parecia não agradar, pois as lembranças eram poucas, Laura (11 anos) falou de “A grande família”, Mathias (10 anos) lembrou o último filme de Xuxa e Carlos (11 anos) falou do “Pinóquio”. Perguntei sobre os filmes que assistiram no cinema com a professora e Natália (10 anos) disse “Ah, eu fui, mas já esqueci!”. Naquele momento chegou Cláudio (11 anos), que prontamente se integrou ao grupo e lembrou o filme “Pro dia Nascer feliz”. Todos lembraram o filme e deram opiniões sobre ele. Mathias encontrou nas revistas uma foto do filme “Sr. e Sra. Smith” e perguntou “A Angelina Jolie é namorada de Brad Pitt?” Em seguida surgiram outros filmes vistos na tv e os alunos sugeriram incluir na lista os filmes vistos em dvd e na tv. Aceitei a proposta e eles pareceram mais satisfeitos “Ah, agora a minha lista vai ficar enorme!”, disse Mathias.*

Cabe destacar que a primeira tentativa de realizar a atividade acima descrita se deu no primeiro encontro. Naquele momento a cidade vivia o clima do PAN, que contagiou também os alunos. Assim, ao folhear as revistas, Carlos resolveu recortar a imagem de um dos atletas brasileiros. Tal gesto foi o suficiente para que todos o seguissem. Por mais que insistisse em retomar o objetivo da tarefa, perguntando se aquelas imagens eram de algum filme, não obtive sucesso. Os alunos se justificavam dizendo que aquilo era o que viam na tevê. Foi preciso adiar por mais tempo a tarefa e retomá-la em outro encontro posteriormente.

Os tipos de programas de tevê mais citados, em ordem de preferência foram os desenhos animados, as novelas e os filmes. Marcos e Natália mencionaram os jornais, sendo que, ao ser entrevistada pelo colega, Natália destacou que preferia as notícias positivas:

**Marcos, 11 anos:** *Que que você gosta mais da parte do jornal?*

**Natália, 10 anos:** *Sobre notícias de aparecimento, coisa boa...*

**Marcos, 11 anos:** *E... que que você acha interessante nos jornais?*

**Natália, 10 anos:** *Notícias de aparecimento... sumiu, pra poder achar, que nem ontem aconteceu com a menina.*

Os desenhos preferidos do grupo eram: Tom e Jerry, Pica - Pau, Scooby Doo, Avatar, Padrinhos Mágicos, Juniper Lee e Polly Pocket<sup>14</sup>

Quanto aos filmes, os gêneros preferidos são os de ação e de comédia. Suspense e terror aparecem em seguida. Os títulos citados foram organizados, por eles, segundo a tabela a seguir:

**Tabela 2: repertório de filmes - Grupo A**

Cinema	TV	DVD
Peter Pan Pinóquio 2000 Falcão (Gol mil) Pro dia nascer feliz A grande família Xuxa e o tesouro da cidade perdida;	Electra O Monge a prova de balas; Homem Aranha King Kong Olga Mr e Ms Smith; ET 101 Dálmatas King Kong O cão de briga Chucky, o brinquedo assassino Veloze e furiosos Bethoven	Tropa de Elite Racionais O Demolidor Os três porquinhos Xuxa Gêmeas Homem Aranha A Era do Gelo Robô Shrek O quebra Nozes O menino maluquinho Madagascar Peter Pan Bad Boy Branca de Neve As meninas superpoderosas Shrek 2 e 3 Pânico 4 Deu a louca em Hollywood. Se ela dança eu danço Vovózona 2 O mágico de Oz A noiva cadáver

<sup>14</sup> Um pequeno resumo com a descrição de cada desenho pode ser encontrada nos anexos.

Filmes de Van Dame e Jack Chan também foram citados, mas os alunos não lembravam os títulos.

Ao comentar a diferença entre assistir aos filmes na tevê ou no cinema, os alunos discutiram o tema a partir da fala de Laura (11 anos), para quem o filme no cinema “*parece mais real*”:

**Laura, 11 anos:** *O filme foi muito legal, o filme. Melhor do que na televisão.*

**Simone:** *O filme que você viu da grande família? Foi melhor do que na televisão? Por que você acha?*

**Laura, 11 anos:** *Porque na televisão parece que é falso e no cinema é verdadeiro.*

**Carlos, 11 anos:** *Mentira!*

**Laura:** *É sim, parece. Eu estou falando que parece.*

**Simone:** *Mas por que será que no cinema parece que é verdadeiro e na televisão parece que é falso?*

**Laura, 11 anos:** *Não sei que, porque parece um filme. Parece um filme no cinema de verdade. E na televisão não, é diferente. A tela do cinema é grande a tela da televisão é pequena.*

\*\*\*\*\*

**Simone:** *Olha a Laura, estava dizendo que ver filme no cinema é melhor do que ver na televisão. Você também acha Mathias?*

**Carlos, 11 anos:** *Só porque a tela é maior.*

**Laura, 11 anos:** *Mas é mesmo!*

**Mathias, 10 anos:** *É mais confortável.*

**Laura, 11 anos:** *A cadeira. E na televisão todo mundo fica falando e no cinema tem que ficar em silêncio.*

**Mathias, 10 anos:** *E no cinema não corta as partes igual na tevê.*

Quando perguntados sobre o que já tinham aprendido na oficina e o que ainda desejavam aprender os alunos destacaram que aprenderam a: “*prestar mais atenção nos filmes*” (Carlos, 11 anos); “*filmar e ver os filmes sem conversar*” (Natália, 10 anos); “*ter idéias para fazer outros filmes*” (Mathias, 10 anos); “*mexer na câmera, a pegar certo na câmera, tirar fotos e entrevistar as pessoas. Também já aprendi que uma coisa errada tudo sai errado*” (Carlos, 11 anos); “*fazer roteiros, aperfeiçoar a minha escrita, os segredos da animação*” (André, 11 anos).

O grupo desejava aprender ainda: “*como é feita a cena do dublê que pula do precipício e também os riscos da internet e quais os meios que podemos usar para um bom uso*” (Mathias, 10 anos); “*ainda não sei fazer roteiros*” (Carlos, 11 anos); “*saber mais, decifrar e saber a história da animação, os efeitos especiais, os segredos dos filmes*” (André, 11 anos); “*a mexer no computador que fica na sala de vídeo*” (Natália, 10 anos), “*a mexer na máquina de filmar*” (Ellen, 11 anos).

A proposta sugerida pelos alunos de filmar a escola para que o outro grupo a conhecesse melhor representou mais uma oportunidade para observar seus modos de produção, assim como os conhecimentos específicos por eles colocados em jogo.

A maior parte do grupo não demonstrava ter o domínio de alguns procedimentos básicos da captura de imagens e do uso dos recursos da câmera, bem como da edição do material coletado, mas ao analisar as imagens da escola feitas por eles mesmos para o vídeo proposto, apontaram vários problemas no trabalho realizado e, diante da impossibilidade de refazê-lo naquele momento, acabaram desistindo da idéia inicial de mostrar a fita para os alunos da outra escola, conforme os trechos a seguir:

*Logo no início o grupo achou divertido se ver na tela e identificar os colegas, ficavam tentando lembrar quem havia filmado o quê. À medida que a fita ia transcorrendo, eles começaram a criticar a fita dizendo que não deveriam mostrar aquilo pra outra escola.*

**Laura, 11 anos:** *A câmera estava balançando muito!*

**Natália, 10 anos:** *Tinha que abrir mais.*

**Carlos, 11 anos:** *Fiquei sem palavras... e o Marcos balançou muito!*

**Laura:** *A lá, a lá, caraca!*

**Natália:** *Ficou horrível.*

**Laura:** *Ele não mostra onde o Carlos tá apontando!*

**Carlos:** *Filmei melhor que o Marcos.*

**Natália:** *A luz atrapalhou.*

**Laura:** *Olha a luz atrapalhando!*

\*\*\*\*\*

**Laura, 11 anos:** *Ela filmou um pouquinho, sabe, um pouquinho assim, tava balançando a câmera. Toda hora ela apertava aquele negócio que botava pra perto (zoom) e apertava onde não tinha que apertar.*

**Natália:** *E também, quando a gente filma é obrigada, não, nem todo mundo é, assim, obrigado a ficar que nem estátua. É a pessoa pegar a máquina, como o Carlos, como eu, como mais ou menos ela (Laura) pegar a máquina e filma assim, completamente direito. Agora, a pessoa que pega a máquina pra filmar e não sabe filmar, a gente tem que ensinar e não deixar filmar pra não estragar.*

\*\*\*\*\*

**Mathias, 10 anos:** *(incomodado com os erros de concordância dos colegas no vídeo) “Os mural!”. Tia, como dizer de um modo mais simples e menos agressivo que o vídeo está muito ruim? Olha, quem está filmando agora?*

**André, 11 anos:** *Eu não gostei muito do tipo de filmagem, que eu não achei muito legal, a linguagem que foi usada e também é... só.*

**Simone:** *Me explica um pouquinho essa história da linguagem que foi usada.*

**André:** *Assim,... muito erro de português. Eu não gostei também dos depoimentos que pegaram as pessoas de surpresa e tinha que organizar. Ficou muito horrível.*

- Grupo B

Os alunos demonstraram, em sua maioria, grande intimidade com um número significativo de produções cinematográficas. Além do hábito de ir ao cinema e

freqüentar locadoras (de DVD) com certa regularidade, alguns alunos costumavam se reunir em casa com os amigos da oficina para assistir aos filmes juntos.

Filmes de ação e comédias foram os preferidos pela maioria. Suspense/terror, romance e comédia romântica também foram gêneros citados. Os alunos declararam que, na maior parte das vezes, eles próprios decidiam o que assistir, mas os pais também participavam dessa escolha, principalmente selecionando filmes em DVD.

Com relação à tevê o grupo destaca os filmes, desenhos e novelas como preferências da programação. Quanto aos filmes, em dois casos foram mencionados os legendados, conforme o exemplo a seguir:

**Gustavo, 15 anos:** *“Eu vejo muito filme, mas eu gosto mesmo de filme legendado, porque eu gosto de ver o som original. Também gosto de alguns desenhos.*

A maior parte do grupo declarou que assistia à tevê na companhia dos pais ou irmãos, sendo uma atividade muito presente na rotina dos alunos. Gustavo, por exemplo, deu o seguinte depoimento:

**Gustavo, 15 anos:** *“Na verdade, a tevê fica ligada o dia inteiro. Eu estudo vendo tevê, desenho vendo tevê, como vendo tevê...”*

Durante a atividade de montagem dos repertórios individuais, os alunos conversaram sobre vários filmes e programas de tevê. Todos preferiram recortar as revistas, compondo, em alguns casos, montagens para ilustrar os filmes destacados. As trocas foram intensas e as imagens de diversos filmes ou alusivas a eles eram exibidas e oferecidas aos colegas *“Quem quer o Homem Aranha?”* (Fábio, 13 anos); *“Vai querer o Bruce Willes?”* (Aline, 13 anos para Norma, 15 anos); as dúvidas eram compartilhadas *“Como é o nome daquele bicho? Ah, é escaravelh!”* (Gustavo, 15anos) e, ao longo da atividade os comentários eram feitos revelando os repertórios *“Deus é brasileiro é muito engraçado!”* (Gustavo). O comentário de um despertava, na maioria das vezes uma lembrança ou um outro comentário pelos demais: *“Eu sou fã de todos os filmes do Harry, pra mim é o melhor”* (Norma) *“Ah é, Harry Porter, também vi”* (Daniel, 15anos), *“pra mim o melhor foi O Cálice de fogo!”* (Ana, 13 anos).

A listagem dos filmes organizada pelos alunos contemplou os filmes de que mais gostaram na tevê/DVD e no cinema, conforme o quadro a seguinte:

**Tabela 3: repertório de filmes - Grupo B**

Filmes assistidos pelos alunos	
TV/DVD	Cinema
Guerra dos Mundos	A volta do todo poderoso
Constantine	Transformers
Anaconda	A pantera cor de rosa
A ilha	O retorno da múmia
O crime perfeito	Harry Porter e o cálice de fogo.
Velozes e furiosos	Harry Porter e a ordem da Fênix
Rock Balboa	Electra
Falcão, meninos do tráfico.	Free Willy
Duro de matar	Deu a louca na Chapeuzinho
Babie	Matrix
Free Willy	Menina de ouro
Cidade de Deus	Madagascar
Correndo atrás	Homem Aranha
A vida de Marilyn Monroe	300
Meu primeiro amor	O colecionador de ossos
	Titanic
	As panteras

Outro aspecto a destacar ocorreu durante as observações, quando os alunos planejaram a produção de um vídeo sobre o tema “aquecimento global”, a pedido de um professor de ciências da escola. Na discussão foi possível identificar os padrões e os modelos de referência nos quais os alunos costumam pautar suas escolhas para a definição do formato de um vídeo, conforme o trecho abaixo, extraído das anotações do diário de campo:

*O grupo estava discutindo como seria o formato do vídeo no momento em que cheguei à sala. O professor trouxe o filme “Uma verdade inconveniente” para exibir, mas antes explorou bastante as idéias dos alunos sobre como deveria ser o vídeo deles, as possibilidades, os recursos e o tempo disponíveis.*

*Observei uma conversa em que todos participavam, com muitas sugestões. Os alunos se envolviam na atividade e relacionavam as questões a serem abordadas no vídeo ao que já tinham lido ou visto na tevê sobre o assunto. Suas propostas reproduziam, na maior parte das vezes, os formatos comumente vistos por eles na tevê, principalmente o “padrão Rede Globo” (JN e RJTV). Os alunos disseram que poderia ser um telejornal ou um debate. Jaqueline (14 anos) defendeu o telejornal e falou “pode colocar a opinião das pessoas”. Ana (13 anos) deu a idéia de mostrar um grupo conversando sobre o tema. (...) Norma (15 anos) disse que pode ser um telejornal com entrevistas e debates, “que nem no Jornal Nacional”. O professor perguntou: “Aonde vocês vêem isso todo dia? Será que tem outras possibilidades, hein?” Fábio (13 anos) disse “ele tá falando da Rede Globo!” Jaqueline falou que poderia aparecer um quadro na tela, ao lado da repórter com as imagens ilustrando e o professor aproveitou para esclarecer “Fábio e Daniel, vocês que já aprenderam isso. Explica pra eles como é possível fazer.” Eles falaram do fundo azul, mas não lembraram do nome do efeito (Chroma key). Paulo (11 anos) destacou a possibilidade de fazer igual “àquele negócio do jornal, o Globo Notícia, que passa no intervalo antes da*

*Malhação” referindo-se à tela que se divide em duas, mostrando ao mesmo tempo a âncora do jornal e o repórter de rua. O professor voltou a enfatizar que as idéias apresentadas estavam “muito contaminadas” pelo que viam na tv. Ele falou aos alunos que eles tinham a chance de fazer uma coisa diferente e estavam desperdiçando. “Volto a perguntar a vocês: vamos fazer o nosso trabalho pela contaminação do que a gente tem o tempo todo nas imagens da tevê ou vamos fazer algo inédito, diferente e maneiro?” Aos poucos, algumas idéias foram surgindo e o grupo resolveu fazer um documentário. Ao final da conversa, o filme foi exibido e mais uma vez um debate sobre o tema foi iniciado, desta vez o professor relacionou as questões do filme ao cotidiano dos alunos. Eles falaram de desperdício, de fenômenos da natureza e catástrofes como o tsunami, entre outros temas.*

*Terminado o debate o professor falou mais uma vez sobre o “padrão massificado de produção” e disse que para superar isso três coisas são importantes:” a primeira é ler, a segunda é ler e a terceira é ler, textos, vídeos, filmes etc”. Ele recapitulou as tarefas a serem cumpridas pelo grupo e se despediu dos alunos.*

Nas entrevistas individuais os alunos destacaram o que aprenderam na oficina, como indicam os depoimentos a seguir:

**Luana, 14 anos:** *Já, aprendi muita coisa. Aprendi a me expressar melhor, aprendi a manusear alguns aparelhos, assim, que eu não tinha um pingo de noção, aí eu tive uma noção de animação também, aprimorei meus... meu conhecimento.*

**Daniel, 15 anos:** *A primeira vez que eu entrei aqui, eu não sabia mexer em nada. A primeira vez que eu aprendi aqui foi no computador, aprender a editar. Eu não sabia nem capturar um filme. Aí eu fui, o professor foi ensinando como é que se fazia, aí eu fui aprendendo com meus colegas, a gente tentou fazer um filme e não deu certo, porque a gente ainda não tinha o roteiro e começamos a bolar um. Quase saiu, mas não teve estrutura o filme. Aí foi passando o tempo, eu fui já ficando um pouco mais velho, veterano, aí já também já podia ensinar até as outras pessoas que entravam aqui. Todo mundo me conhecia, todo mundo que entra na multimídia é conhecido aqui. É isso.*

**Gustavo, 15 anos:** *(...) quando eu cheguei aqui, a única coisa que eu sabia mexer no computador era entrar em site de é... de... ficar conversando, Orkut, MSN, essas coisas. Não sabia nada de filme. E aí eu cheguei aqui e aí tô aprendendo e chego em casa aí já começo. Já baixei o Picasa (software gratuito para edição de fotos), já coloquei lá, já começo a fazer filme sozinho lá em casa... Tá funcionando.*

### 5.3 Trabalho em equipe

O trabalho em equipe se constituiu numa categoria de análise do material empírico coletado junto aos dois grupos estudados. Planejar as ações e realizá-las em conjunto eram características intrínsecas às propostas desenvolvidas, muito



valorizadas pela maioria dos alunos. Eles demonstraram ter se apropriado desse modo de produção, tanto pelos comportamentos apresentados ao longo dos encontros como pelas declarações feitas.

As interações entre os pares e as trocas estabelecidas entre os iniciantes e os mais experientes também foram consideradas, sendo citadas pelos próprios alunos em vários casos, conforme pode ser observado, nos exemplos a seguir.

- Grupo A

Ao final da exibição dos depoimentos gravados em vídeo pelos alunos do outro grupo apresentei as questões levantadas pelos colegas sobre o modo como trabalhavam na oficina, ao que eles responderam:

**Simone:** *Eles também quiseram perguntar sobre como vocês fazem para produzir um vídeo. Todo mundo faz tudo ou cada um faz uma parte, como é que é isso?*

**Laura, 11 anos e Ellen, 11 anos:** *Cada um faz uma parte.*

**Mathias, 10 anos:** *Todas as pessoas fazem uma coisa aí depois escolhem qual ficou melhor.*

**Carlos, 11 anos:** *Mathias é isso mesmo que você falou, cara!*

**André, 11 anos:** *Quando é um roteiro, todo mundo faz e a gente escolhe o melhor.*

**Marcos, 11 anos:** *Ou a parte que ficou melhor. Aí combina...*

Apesar de discutirem bastante entre si durante os encontros, demonstrando certa dificuldade para se organizar em torno das tarefas propostas, nas situações em que trabalhavam juntos, observadas em alguns encontros, havia uma clara divisão de tarefas estabelecidas entre eles, com a cooperação entre colegas, sob a “coordenação” dos mais experientes do grupo, que prestavam auxílio aos demais, sobretudo nos momentos em que algo não funcionava de acordo com o previsto. Assim, percebia-se que, de certo modo, quando havia uma tarefa em jogo, as divergências ficavam em segundo plano.

Outro traço característico das interações nesse grupo era a preferência da maioria dos alunos por formar pares ou se organizar em grupos, de acordo com o gênero, ou seja, meninos separados das meninas. Outro critério também adotado era a experiência, segundo o qual “os fortes” deveriam se misturar com os “fracos”. Conforme o exemplo a seguir, extraído da videogravação:

*Apresentei ao grupo o primeiro desafio e a reação de surpresa e interesse em participar foi geral. As crianças se organizaram em duplas, e o primeiro comentário de Ellen, 11 anos se referindo à dupla formada por Marcos, 11 anos e Natália, 10 anos, foi: “Eles não podem ficar juntos não! Eles são fortes, tia”. Ao que Marcos respondeu: “Só por que nós somos primos?” Após alguns acordos, formaram-se duas duplas: Marcos e Natália; Ellen e Laura, 11 anos.*

#### - Grupo B

A gravação dos depoimentos sobre o modo como trabalhavam na oficina, proposta no segundo encontro, indicou, logo no início desse estudo, que o trabalho em equipe era uma marca constitutiva daquele grupo. Os alunos se organizaram rapidamente para o revezamento da gravação com a câmera, a definição de como seriam os depoimentos e da ordem das apresentações no vídeo. Outro aspecto observado inicialmente, e que se mostrou recorrente em situações posteriores, foi o apoio dos mais experientes aos recém chegados ao grupo, como, por exemplo, a fala de Daniel (15 anos) para os colegas sobre um aluno novo (que saiu da oficina algumas semanas depois) para quem ofereceu a câmera: *“deixa ele filmar pra ir aprendendo”*. Ana, (13 anos) reforçou: *“Aqui todos aprendem um pouquinho de tudo. Tem que aprender, mas quando não sabe a gente mesmo vai ajudando, o professor ensina...”*

Outro exemplo a destacar foi identificado nas conversas sobre o Festival do Minuto da escola, quando foi possível perceber que a interação dos alunos entre si era uma das marcas daquele grupo, que favorecia o trabalho em equipe e ao mesmo tempo se intensificava a partir dele, como demonstram os depoimentos de Janaína (15 anos) e de Alyne (12 anos). Janaína explicou que a intenção do professor era dar um prêmio para o melhor trabalho (uma caixa de bombons), eleito pela votação do público espectador no dia da exibição, mas apesar de todos lutarem para conquistar o prêmio, *“todos queriam o sucesso de todos”*.

**Janaína, 15 anos:** *O legal também, assim, é que são idéias diferentes, cada um com a sua, mas é um também querendo ajudar o outro. Ninguém quer ser o melhor, entendeu? A gente quer companheirismo.*

**Alyne, 12 anos:** *Bem, no outro ano eu só ficava olhando. Eu era bem mais quieta do que agora. Aí só ficava olhando as pessoas filmar, as pessoas mexer na... nas coisas... Aí nesse ano é que o professor pediu pra um dos alunos me ensinar a filmar, a fazer... editar filme, a fotografar e editar foto... e quando for num evento, fazer as coisas direitinho, aí eu to aprendendo. (...) Aqui a gente começa a trabalhar mais em grupo. Então, tem muita gente que não sabia trabalhar em grupo, agora estão sabendo trabalhar em grupo e dividirem suas coisas.*

## 5.4

### Tensões e conflitos

O trabalho dos grupos também revelou a existência de tensões e conflitos, em alguns casos subjacentes às falas e atitudes dos participantes e, em outros

casos, identificados e explicitados pelos próprios alunos. Tais situações envolviam não só questões internas, relativas aos relacionamentos no grupo, mas também aquelas voltadas para a relação da oficina e suas atividades com as rotinas e dinâmicas das próprias escolas.

Com relação às questões internas, foi possível identificar nos dois grupos que, na maior parte das vezes, os conflitos resultavam de um clima de “disputa” ou “rivalidade”, muitas vezes velado e envolvendo os mais experientes.

Nos dois grupos, foi possível notar que os alunos demonstravam, em diversas situações, uma percepção muito clara dos diferentes níveis de apropriação dos conhecimentos específicos, relativos ao trabalho na oficina, distinguindo-se entre si a partir desse aspecto, conforme os exemplos abaixo:

- Grupo A

Apesar de ser um grupo bastante agitado, no qual os alunos discutiam por qualquer motivo, conforme exposto anteriormente, notava-se que, em alguns casos, as discussões tinham foco na disputa pela “idéia mais original” ou “o maior domínio sobre determinado assunto”. Em geral tais discussões envolviam os mesmos participantes e provocavam desdobramentos no grupo, que se dividia na defesa de um ou outro envolvido.

Um dos exemplos foi identificado no decorrer dos encontros, com Mathias (10 anos) e André (11 anos) que, a exemplo de outros integrantes do grupo, se destacaram pelas opiniões e participação nas atividades propostas. No entanto, quando mais da metade do tempo que passamos juntos já havia transcorrido, foi possível perceber a grande rivalidade existente entre eles. As trocas de ofensas e comentários indiretos foram se tornando cada vez mais intensos a cada encontro, até que durante a discussão sobre a filmagem feita por eles para o vídeo sobre a escola se deu o seguinte diálogo:

**Simone:** *Então, a gente pode escrever um roteiro pra melhorar esse vídeo e aproveitar pro vídeo que vocês iam fazer da escola que a professora falou. Quando eu cheguei aqui, vocês iam fazer um vídeo sobre a escola, lembram? Então, por que não aconteceu esse vídeo?*

**André, 11 anos:** *Falta de tempo.*

**Simone:** *Hein, Mathias, vc disse que ia fazer um roteiro sobre o vídeo da escola. Por que o vídeo não aconteceu?*

**Mathias, 10 anos:** *Porque...*

**André:** *Porque ele não teve responsabilidade.*

**Mathias:** *Por quê? A Tia não falou pra nós dois fazer o roteiro? E a sua idéia? Agora eu é que tenho a culpa, não sou eu que sou o irresponsável.*

**Simone:** *Olha só, não precisa brigar. Você tem uma idéia?*

**André:** *Tenho.*

**Simone:** *Você tem uma idéia?*

**Mathias:** *Não.*

**Simone:** *Quem tem uma idéia coloca sua idéia no papel e na outra semana quando eu voltar a gente vê se dá pra fazer.*

**André:** *Está vendo?*

**Mathias:** *Ele está numa disputa comigo!*

A relação da oficina com os demais espaços e atividades da escola também sofria os reflexos da tensão existente entre os professores em torno da atividade, afetando diretamente a participação dos alunos. Em diversos momentos alguns participantes não puderam comparecer aos nossos encontros apesar de estarem na escola. Os próprios colegas informavam que a professora da turma não havia permitido a saída do aluno da sala de aula para qualquer outra atividade. Um exemplo ocorreu com Marcos (11 anos) no dia reservado à discussão sobre o vídeo que fariam sobre a escola. Enquanto aguardava a chegada dos alunos, fui informada por Laura (11 anos), que Marcos não poderia participar naquele dia, “Ele está de castigo na sala, tia”, disse ela.

- Grupo B

As percepções que os alunos tinham dos próprios colegas foram evidenciadas no dia em que o professor propôs ao grupo a “eleição do aluno multimídia”, conforme relato a seguir, extraído do caderno de campo:

*Cheguei um pouco mais cedo e os alunos estavam envolvidos na eleição do aluno “multimídia”. O professor propôs a cada aluno a indicação de dois meninos e de duas meninas que, na opinião deles, seriam alunos exemplares da oficina. Antes foram definidas pelo grupo as características que definiriam o perfil desses alunos. Eles disseram: não faltar, ajudar aos colegas, saber as coisas (filmar, editar etc), entre outras. O professor me explicou que seu objetivo era discutir com o grupo o comportamento necessário ao trabalho na oficina e, ao mesmo tempo identificar a visão deles sobre o que consideravam importante e quem para eles era modelo. A atividade movimentou a oficina. Ao final Fábio (13 anos) e Ana (13 anos) foram os eleitos, confirmando minhas hipóteses. Ao final da apuração o professor comentou: “Viu, a gente acha que eles não estão nem aí, mas o resultado mostrou a coerência deles.”*

Apesar de transcorrer num clima de brincadeira e amizade entre os alunos, foi possível notar que havia, em alguns casos, uma rivalidade implícita entre alguns participantes, como no caso de Ana (13 anos) e Joana (14 anos). Tal conflito se tornou evidente durante as discussões sobre a análise de um dos vídeos exibidos, de acordo com o diálogo a seguir:

**Joana, 14 anos:** *Eu também gostei. Só que eu acho que o filme devia ser mais organizado. Por exemplo, era pra acontecer, por exemplo na hora das meninas. Ele foi lá e amarrou o sapato dela e tal. Ele tocava na perna da menina toda hora e a maior mentira, elas não sentiam ou senão alguém do lado...*

**Ana, 13 anos:** *Não, ele não tocou na perna...*

**Joana:** *Deixa eu terminar, Ana, deixa eu terminar. Depois você expõe a sua opinião. Depois, na hora das meninas, elas nem andaram e elas já se jogaram no chão, tipo assim...*

**Ana:** *Isso é verdade.*

**Joana:** *Não tinha espaço, pô, uma vai na frente e a outra vai atrás. Vai cair sem motivo pra cair*

**Ana:** *(Balança a cabeça)*

**Ana:** *Ele não encostou na perna dela não.*

**Joana:** *Pô, o pé das duas estava aqui, como é que ele...*

**Ana:** *Não foi.*

**Joana:** *Peraí, Ana, eu tô falando que a minha opinião é essa. O seu mal é esse, você pensa que tudo tem que girar ao seu redor!*

**Ana:** *Joana, o que que eu tô falando? Eu tô falando “Joana você tá certa”. Isso é “girando ao meu redor”?*

**Joana:** *Ela sempre faz assim, fica falando num tom irônico, pô.*

Mesmo ocorrendo no horário contrário ao turno no qual os alunos estudavam em algumas situações, a oficina também era afetada por conflitos e tensões entre as atividades propostas e a dinâmica de trabalho dos demais professores da escola. Os alunos percebiam tais situações e comentavam a respeito, declarando suas opiniões e o modo como se sentiam afetados por isso, como no depoimento de Ana (13 anos):

**Ana:** *(...) Tem um professor aqui que, na minha opinião, eu acho que ele morre de inveja do professor [da oficina], porque uma vez, ele veio aqui fazer um escândalo, me fez chorar, porque ele queria que eu fizesse uma apresentação na aula dele, mas eu já tinha passado. Só porque eu esqueci de avisar a ele, ele veio aqui, fez um escândalo, me fez chorar e fez o professor me deixar sentada ali fora em horário de aula. Me deixou ficar sentada ali fora, sem fazer nada e ele fez o que fez um escândalo e me fez chorar, cara. Eu fiquei muito bolada nesse dia.*

**Simone:** *E você acha que ele fez isso...*

**Ana:** *De inveja do professor [da oficina]. Porque ninguém gosta desse professor, esse professor é muito chato. Ninguém gosta dele. Eu não vou citar nome porque vai pegar mal. Aí ele... porque ninguém gosta dele aqui na escola, ninguém. Se for, é um milagre, se alguém gosta dele é um milagre.*

## 5.5 Pertencimento

A noção de pertencimento ao grupo, manifestada pela maioria dos alunos, se destacou nas duas escolas. Em ambos os casos e por diversas vezes, os próprios alunos estabeleciam a distinção entre os que eram “do nosso grupo” e os que

estavam fora dele. O domínio de conhecimentos específicos aliado ao uso dos equipamentos eram as principais referências para demarcar tal distinção.

A elevada auto-estima observada entre a maior parte dos alunos também parecia ser um dos principais reflexos do sentimento de pertença ao grupo, contribuindo muitas vezes para que os alunos se colocassem como exemplos a serem seguidos pelos demais. Assim, percebia-se que pertencer ao grupo da oficina era motivo de alegria, ostentado com orgulho diante dos demais colegas da escola e também dos familiares.

#### -Grupo A

Em nossos encontros muitas vezes fomos acompanhados pelos olhares atentos e curiosos de outros alunos da escola. Em alguns casos, quando a simples observação dos colegas evoluía para qualquer tentativa de integrar-se ao grupo, os alunos da oficina se manifestavam, demarcando claramente o limite que os separavam naquele momento. Dois exemplos ilustram esse comportamento. O primeiro deles ocorreu durante o debate sobre o que gostavam de assistir, quando a irmã mais nova de Mathias (10 anos) entrou na sala para esperar pelo irmão até a hora da saída. De repente ela se envolveu na conversa e foi interrompida por Carlos (11 anos) que disse: *“Ela não tem nada que se meter na nossa conversa, ela não é da oficina!”*. O outro exemplo foi observado no trecho a seguir, no momento em que o grupo discutia a filmagem da escola para o vídeo que seria levado ao Grupo B:

**Laura, 11 anos:** *Oba! Vamos só nós ou vai mais gente?*

**Carlos, 11 anos:** *Caraca!*

**Marcos, 11 anos:** *Só quem é do vídeo, entendeu agora? A cabeça não está deixando, entender não?*

Outra situação ocorrida quando o ano letivo, praticamente, chegava ao fim, envolveu Marcos (11 anos) e toda a escola:

*Ao chegar à escola para a exibição do último bloco de filmes aos alunos, fui recebida pela diretora que logo me deu a notícia de que a escola havia saído no jornal O Dia. “E não é notícia ruim, heim!”, disse ela. O jornal falava de alunos que estão fazendo vídeos nas escolas e apresentava meia página dedicada ao CIEP, com uma foto na qual Marcos aparecia em destaque. .*

Na conversa sobre a reportagem falamos sobre a repercussão da matéria e Marcos disse que todo mundo já sabia, que as pessoas haviam ligado para a casa dele e que estava muito feliz. Quando perguntei o que o havia deixado mais feliz

ele respondeu: *“Acho que é legal, que isso é um exemplo para todos”*. Em seguida, no momento da discussão com os colegas sobre os filmes exibidos ele disse a todos: *“Calma aí, que eu sou famoso!”*.

**-Grupo B**

A maior parte dos alunos desse grupo declarou ter optado pela oficina a partir de um convite feito pelos colegas que já participavam dela ou pelo desejo de fazer parte daquele grupo que observavam com curiosidade em diversas atividades realizadas por eles na escola, conforme ilustram os fragmentos dos depoimentos dados para o vídeo a ser apresentado para o Grupo A:

**Janaína, 15 anos:** *Eu entrei na multimídia porque as minhas amigas entraram e acabei gostando do que eu vi, da forma do professor trabalhar e estou aqui até hoje.*

**Daniel, 15 anos:** *Aí, quando eu entrei aqui, também vi o ensino, uma coisa... o mundo, aqui pra mim é um mundo, um mundo acessível a todo mundo que quiser se inscrever e fazer, e é isso que eu acho também. Fiz muitos amigos, muita, muito filme juntos também aqui, eu acho muito bom.*

**Norma, 15 anos:** *Eu vim pra cá pra fazer a oficina multimídia porque, desde o ano passado eu via as pessoas que se tornaram minhas amigas fazendo, aí eu quis fazer também.*

O depoimento de Luana reforça a fala dos colegas e destaca neste processo o forte vínculo com o grupo:

*“Esse ano foi o ano que eu fui de cabeça. Ano passado eu participei. No ano passado, no começo do ano, eu não... eu ficava olhando assim, queria entrar, só que tinha um pouco de... Era um pouco tímida. Só que aí foi passando o tempo e eu falei “quer saber? Eu vou entrar!” E entrei. Vim, pratiquei como se fosse um curso comum, só que agora aqui é como se fosse a minha segunda casa, né, minha segunda família”.*